

ESBAP: Há trabalhadores a desempenhar funções que não existem

Os trabalhadores não docentes da Escola Superior de Belas Artes do Porto têm vindo a fazer paralisações para exigirem do Governo o desbloqueamento das suas carreiras profissionais. A situação arrasta-se há muito tempo, com elevados prejuízos. Há trabalhadores que desde 1957 desempenham funções que agora já nem existem na prática.

José Bernardino de Sá, membro do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte, explica as razões desta luta que há muito se arrasta:

«A luta resume-se ao seguinte: há um diploma de 1979 (Decreto-Lei 536, de 31 de Dezembro), que prevê a reclassificação de todos os trabalhadores que prestam serviços em organismos directamente dependentes da Direcção-Geral do Ensino Superior, onde, obviamente, se inclui a Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), de acordo com os princípios definidos nesse diploma.»

«Acontece que este diploma não foi aplicado aos trabalhadores da ESBAP, ou apenas foi aplicado a um número muito restrito de trabalhadores, em especial o pessoal administrativo, tendo, entretanto, sido revogado pelo decreto-lei 248/85, de 15 de Junho, para o qual não estão criadas as necessárias condições para a sua aplicação.»

«De toda esta situação, decorre que o quadro de pessoal das Belas Artes deveria, há muito, já ter sido alterado, uma vez que o que se mantém é o constante de um decreto de 1957, mas ainda não o foi por completa incompetência do MEC, que, agora, faz depender a sua alteração da integração ou não das Escolas Superiores de Belas Artes nas universidades.»

«Ora não é esta a perspectiva dos trabalhadores e do sindicato que represento, já que consideramos que a alteração dos quadros se pode processar independentemente da integração ou não na universidade, haja para isso vontade e empenhamento do Governo.»

Consequências

José Bernardino esclarece que, «quando o MEC não altera o quadro de pessoal da ESBAP, permite o arrastamento de situações de autêntica injustiça, como sejam as dos auxiliares de oficinas de arquitectura, escultura e pintura, que, embora sendo



Os trabalhadores não docentes da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) estão em luta pela reestruturação das suas carreiras profissionais

do quadro, mantém a mesma letra (R) e categoria há mais de vinte anos. São ainda os casos dos auxiliares-técnicos de terceira (letra Q), que se encontram na situação de «além-quadro», desempenhando funções de escultura e serralharia.»

Caso bem concreto é o de Manuel Gonçalves Torres, auxiliar de oficina de arquitectura. A receber actualmente pela letra R, a sua situação não se modificou desde a sua entrada para a ESBAP, em 1965. «Em 1965, troquei o meu lugar de professor das oficinas de ensino técnico pelo de auxiliar de oficina de arquitectura da ESBAP, por o vencimento ser mais ou menos idêntico. Actualmente mantenho-me na mesma letra e categoria, ao passo que se tivesse seguido normalmente a minha carreira anterior estaria agora nas letras F, E ou D.»

São três os casos na situação de auxiliares de oficinas, o que é agravado pela existência de mais dez, estes na situação de «além do quadro». Estão todos a desempenhar funções que deveriam ser remunerados por vencimentos mais elevados se estivessem correcta e devidamente enquadrados em carreiras.

Mas as injustiças não acabam nos auxiliares de oficinas ou nos auxiliares-técnicos, já que existem, na ESBAP, trabalhadores a receber vencimentos de contínuo ou de ajudante de mecânico (pela letra S), quando estão, já há dez anos ou mais em funções técnicas ou de apoio técnico, que deveriam ser pagas com salários muito superiores (entre a letra L e Q), como são os casos dos projeccionistas.

Estas situações são aqui ilustradas por José Coelho Borges e Se-

bastião dos Santos, como contínuos, e Jerónimo Moura, como ajudante de mecânico.

Técnicos a receber como contínuos

José Borges desempenha actualmente funções técnicas no vitral e mosaico, enquanto Sebastião dos Santos cumpre funções na tecnologia da gravura. Pelo facto de estarem há mais de dez anos a desempenharem as actuais funções, ambos já teriam direito a receberem salários da letra L, quando o estão a receber na categoria de contínuos (letra S). Esta situação seria desbloqueada com a publicação, por parte do Governo, da reestruturação das carreiras profissionais da ESBAP.

Jerónimo Moura, por seu turno, está a receber salário de ajudante de mecânico (letra S, como

a dos contínuos), quando desempenha, há mais de dez anos, funções na tecnologia do cine-vídeo, que se deveriam enquadrar numa carreira que se desenvolve pelas letras Q, P, N e L.

Manuel Gonçalves Torres, José Coelho Borges, Sebastião dos Santos e Jerónimo Moura são apenas quatro das dezenas de trabalhadores que se sentem prejudicados com a «incompetência do MEC para resolver o seu problema». «Quem é que nos paga os prejuízos destes anos todos em que estamos a ser explorados, recebendo salários de categorias muito inferiores àquelas que na realidade desempenhamos?», é a interrogação unânime dos trabalhadores não docentes da ESBAP.

Formas de luta

Os trabalhadores não docentes da ESBAP, apesar das respostas contraditórias dos responsáveis governamentais (uns afirmam ser impossível decidir algo sobre o assunto, enquanto outros o pretendem ligar com a integração das escolas superiores de belas artes nas universidades), estão firmes na luta pela resolução dos seus problemas.

Muitas foram já as formas de luta desenvolvidas pelos trabalhadores, que se têm agravado nas últimas semanas, com a paralisação da laboração por 24 horas, ou, como foi o caso da semana passada, por dois dias. Estas paralisações resultaram no encerramento total da escola, tal é a vontade dos trabalhadores de serem resolvido o seu problema.

«Não pedimos o impossível, já que os governos anteriores aprovaram e publicaram diplomas de enquadramento das carreiras de pessoal de estabelecimentos de ensino idênticos à ESBAP, como foram os casos dos Institutos Superiores de Engenharia, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e Institutos Superiores de Contabilidade», frisou-nos ainda Marcelo Marques, trabalhador da ESBAP e dirigente sindical da Função Pública do Norte.

Luta encerrou ESBAP durante dois dias

Porto (da nossa delegação) — Os trabalhadores não docentes da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) voltaram a paralisar ontem toda a laboração daquele estabelecimento de ensino, em luta pela sua reclassificação profissional.

A greve iniciada anteontem, e que terminou ontem, obrigou ao encerramento da escola e impossibilitou que os professores pudessem proceder às avaliações globais que estavam marcadas, afectando, assim, elevado número de alunos e atrasando todo o serviço de exames.

Conflicto - trabalhadores
ESBAP